

## Tales Faria

## O Novo concorda com Zema, mas engole desaforos dos Bolsonaro

Parlamentares do Partido Novo concordam com o candidato da sigla ao Palácio do Planalto, o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema, nas críticas ao envolvimento do candidato do PL à Presidência, senador Flávio Bolsonaro (RJ), com o ex-banqueiro Daniel Vorcaro. Mas não querem o rompimento. Temem perder votos bolsonaristas.

Em vídeo nas redes sociais, Zema declarou: “Flávio Bolsonaro, ouvir você cobrando dinheiro do Vorcaro é imperdoável. É um tapa na cara dos brasileiros de bem. Não adianta nada criticar as práticas de Lula e do PT e fazer a mesma coisa.”

Os irmãos do candidato do PL responderam duramente. O ex-deputado Eduardo Bolsonaro postou ameaçando romper com o partido do ex-governador: “Que postura vagabunda, critica o Flávio apenas porque ele queria estar no lugar do Flávio. Por mim rompia geral com o Partido Novo.”

Ao repostar declaração da deputada Júlia Zanatta, segundo a qual “Zema deveria calar a boca”, Carlos Bolsonaro, o filho Zero Dois do ex-presidente, sugeriu que Zema estava sendo “um desonesto com seu mínimo intelecto e caráter”. Ele escreve mais:

“Os liberais jamais teriam tido a oportunidade de participar de um governo como participaram e inclusive de existir. Hoje quem os alavancou está preso ilegalmente e sendo esquecido propositalmente, assim como todos os presos políticos do 8 de janeiro. Todos estes adotam uma postura previsível: em um dia afagam, no outro apunham pelas costas. Qualquer pessoa de bom senso percebe esse comportamento se repetir a cada eleição. E quando

alguém reage a essas atitudes, logo surgem acusações de ‘ataques’. A realidade é que todos veem isso acontecer diariamente. Não se trata de invenção, mas da simples interpretação e visualização de fatos e comportamentos que vêm sendo observados desde 2018. Todo o movimento visa única e exclusivamente fortalecer Lula para se colocarem como permitidos do sistema. O povo é o que menos importa. Sujeitos como estes odeiam o cheiro de quem não veste terno, gravata e o resto do senhores já sabem!”

Os ataques do clã deixam os parlamentares do Partido Novo tão assustados que evitam comentar publicamente a ameaça de rompimento.

Poucos, como o deputado Ricardo Salles (Novo-SP), vêm a público falar que concordam com Zema de que há no PL uma “promiscuidade absoluta com o centrão”, cujo presidente, Valdemar Costa Neto, “tem o mesmo DNA de Vorcaro”.

Mas Salles insiste que o inimigo principal é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu partido, o PT. “Ainda com todos seus problemas, o Flávio é melhor do que o Lula, porque vai colocar na área econômica nomes mais capazes” argumenta.

Reservadamente, no entanto, os integrantes do partido torcem pelo aparecimento de um candidato mais forte na direita do que Flávio Bolsonaro. Caso isso não ocorra, o Novo terá que seguir o já velho caminho do partido: engolir em seco os desaforos dos filhos do ex-presidente e dos bolsonaristas mais exaltados.

O problema é que a hostilidade tende a aumentar, caso o clã assumo o Palácio do Planalto.

## Fernando Molica

## ‘Estrangeiros’ viram a mesa

Ao escalarem mais e mais jogadores nascidos fora de suas fronteiras, seleções sem tradição no futebol ameaçam dar uma cambalhota no processo que concentrou poder e dinheiro nos clubes europeus. Estes, desde 2013, revezam-se na conquista do antigo Mundial; hoje Copa Intercontinental.

Na atual Copa do Mundo, 258 jogadores — 20,67% do total — abriram os olhinhos pela primeira vez muito longe dos países que agora representam.

Seleções sempre foram menos vulneráveis à elitização facilmente percebida nos clubes; talentos gerados em países como Brasil, Argentina e Uruguai representam uma trava ao poder do dinheiro. Mas, mesmo assim, a grana conta, e muito.

A vitória de Messi e companhia em 2022 quebrou um período de quatro copas sucessivas conquistadas por europeus, domínio que jamais tinha ocorrido e que reflete a crescente concentração de renda no mundo. Mesmo os três países sul-americanos que conquistaram o mais importante título do futebol estão longe de puxarem a fila da pobreza terceiro-mundista.

Em relação aos clubes, a batalha parece perdida, pelo menos, pelas próximas duas décadas. Por mais dinheiro que tenham, clubes da elite de nosso país ainda têm orçamentos tímidos perto de gigantes ingleses, espanhóis, italianos e alemães.

A interminável exportação de craques ainda muito jovens torna praticamente impossível que equipes brasileiras consigam montar times equivalentes ao Botafogo de Garrincha, Didi, Nilton Santos e Zagallo; ao Santos de Pelé, Pepe e Coutinho; ao Flamengo de Zico e Júnior; ao Pal-

meiras de Ademir da Guia e Dudu. Hoje, esses jogadores daria bye, bye Brasil antes dos 20 anos.

O fenômeno global se repete na Libertadores: o último título conquistado por um time não brasileiro foi em 2018; de lá pra cá, todos os sete campeões foram daqui. A questão é esportiva, mas, principalmente econômica — o pântano quase permanente em que se meteu a Argentina comprova isso.

O crescimento da indústria do futebol e a valorização das competições abriram uma acirrada disputa entre marcas dispostas a patrocinar tudo o que envolve o mais popular e rico esporte do mundo. A ampliação do número de países em copas aumentou também as oportunidades de negócios — associar sua imagem a seleções que não fazem parte da elite também virou algo interessante para muitas empresas.

E aí vale parafrasear o velho ditado: quem não tem clube, caça com seleção. Colocadas à margem da elite, federações como as de Curaçao, República Democrática do Congo, Marrocos, Bósnia e Herzegovina, Argélia, Haiti, Tunísia, Catar, Senegal e Turquia trataram de importar, pelo menos, dez atletas para formar suas equipes: entre as 48 da Copa, só oito (entre elas, o Brasil) não têm “estrangeiros” entre os seus atletas.

O processo carrega uma ironia histórica. Em muitos casos, esses países escalaram jogadores nascidos em território de seus antigos colonizadores, como os Países Baixos e a França. Há quem possa considerar a manobra uma espécie de gol com a mão. Mas, convenhamos, a concentração de riqueza em tão poucos países, determinante para desequilibrar o jogo, é muito mais injusta.

## EDITORIAL

## A Copa, o risco e a brecha para o debate

A Copa do Mundo é um dos eventos esportivos mais aguardados do planeta. Durante algumas semanas, milhões de pessoas acompanham partidas, comentam resultados, vestem as cores de suas seleções e transformam o futebol em assunto central das conversas do dia a dia. É um período de celebração, entretenimento e grande mobilização social. No entanto, junto com a paixão pelo esporte, cresce também um fenômeno que merece atenção, que é o aumento do volume de apostas esportivas.

A lógica é simples. Quanto mais jogos, mais oportunidades para apostar. Quanto maior o interesse do público, maior também a exposição às campanhas publicitárias das plataformas do setor. Durante uma Copa do Mundo, o consumidor é impactado por anúncios na televisão, na internet, nas redes sociais e até mesmo em conteúdos produzidos por influenciadores e personalidades do esporte. Trata-se de uma presença constante que exige reflexão.

As apostas esportivas fazem parte da realidade atual e não devem ser encaradas, necessariamente, como um problema em si. Para muitas pessoas, representam uma forma de entretenimento associada ao acompanhamento das partidas. O desafio está em compreender o limite entre a di-

versão e o comportamento de risco. Quando a aposta deixa de ser uma atividade ocasional e passa a ocupar espaço excessivo na rotina, nas finanças e até nas relações pessoais, o alerta precisa ser ligado.

Grandes eventos esportivos costumam criar um ambiente propício para decisões impulsivas. A emoção de um jogo decisivo, a confiança em determinado resultado ou a tentativa de recuperar perdas anteriores podem levar algumas pessoas a apostar mais do que planejavam. O problema é que a promessa de ganhos rápidos frequentemente esconde uma realidade estatística em que a maioria dos apostadores não obtém lucro consistente.

Por isso, a conscientização deve caminhar lado a lado com a expansão desse mercado. Informar a população sobre os riscos do jogo compulsivo é tão importante quanto regulamentar a atividade. É necessário reforçar que apostas não podem ser encaradas como investimento, fonte de renda ou solução para dificuldades financeiras. São atividades de entretenimento que envolvem riscos reais de perdas.

A Copa do Mundo tem potencial para unir famílias, movimentar a economia e fortalecer o interesse pelo esporte. Mas também deve servir como oportunidade para ampliar o debate sobre consumo responsável.

## Opinião do leitor

## Seleção

O sofrido empate com Marrocos teve sabor de vitória para o Brasil. Exibição medíocre, para quem disputa a copa sonhando com o hexa. Seleção confusa, sem criatividade, errando passes infantis. Sem liderança em campo. Algum jogador tem que motivar o time, dar bronca, xingar, levantar o astral. Futebol não é esporte para mudos.

Vicente Limongi Netto  
Brasília - Distrito Federal

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.